

RUPTURAS EPISTEMOLÓGICAS EMPREENDIDAS PELA ANÁLISE DO DISCURSO: UM CONFRONTO COM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Rita Alves Vieira (UFPE/UESPI)
ritaalvesalves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O trabalho em voga tem uma dupla motivação: as leituras e reflexões que nos foram oportunizadas, por um lado, pela disciplina Epistemologia linguística e, por outro, pela Análise do discurso – AD de linha francesa, mais precisamente a do teórico Michel Pêcheux, ambas cursadas no PGLetras/UFPE em 2014.1. Assim, à luz de Kuhn (2013), Borges Neto (2004), Löwy (1998), Sousa Santos (1995), Pêcheux (1997 [1975]), (2009) e Henry (1997) fundamentamo-nos para desenvolvermos o presente trabalho com o objetivo geral de analisar rupturas epistemológicas empreendidas pela Análise do discurso pecheutiana, observando confrontos desta teoria com as ciências sociais e humanas. E de forma específica, objetivamos: conhecer as condições teóricas e sociais em que se deu a fundação da AD; identificar os principais confrontos estabelecidos por estas rupturas com as ciências sociais e humanas da época, entre elas o estruturalismo; refletir sobre a AD pecheutiana como ramo teórico-científico e metodológico, seu desenvolvimento e saltos enquanto ramo dos estudos da linguagem. Fundamentamo-nos também em Indursky (2008), Mariani (1998), Maldidier (2003), entre outros.

1 BASES EPISTEMOLÓGICAS DA(S) RUPTURA(S)

O século XX na linguística, segundo Borges Neto (2004), inicia com a opção estruturalista, na qual a língua tida como sistema autônomo, sincrônico e homogêneo é a “chave” do pensamento “revolucionário” - lembre-se Kuhn (2013) - de Saussure. Na sequência, a Teoria Gerativa, também de caráter homogeneizante - empreendida por Chomsky, teoria de base antiempirista e inatista - tem na sintaxe (voltada para os universais linguísticos) o centro de sua investigação científica, razão que fez surgir dissidentes propondo a semântica gerativa (Lakoff e outros), o que gerou uma espécie de “convulsão” ou “revolução” a caminho da linguística cognitiva. Assim podemos sintetizar boa parte da discussão de Borges Neto (2004).

Quanto à opção interdisciplinar, o referido Borges Neto (2004) cita a sociolinguística, o funcionalismo e o cognitivismo, ou seja, temos novamente uma mudança de enfoque e de objeto teórico. Esse trajeto retrata as filiações básicas da linguística: uma tendência sistêmica (Saussure, Hjelmslev, Bloomfield, entre outros), uma psicologizante (Chomsky) e outra sociologizante (Proponentes das teorias que trabalham o uso e os aspectos sociais da linguagem). “Cada opção teórica recorta o ‘mundo’ dos fenômenos de forma diferente e [...] ‘cria’ o seu objeto de estudo” (BORGES NETO, 2004, p. 62). Desta forma, cada teoria elege seus objetos observacional e teórico, optam por uma metodologia, enfim.

2 RUPTURAS EPISTEMOLÓGICAS EMPREENDIDAS PELA AD

Embora o autor chamado não tenha citado a análise do discurso - AD, entendemos que ela se enquadra nesta última tendência. É seguindo a proposta teórica desta AD que pretendemos continuar o desenvolvimento deste artigo, sob o ponto de vista de que ela proveu rupturas epistemológicas com muitas visões das ciências sociais e humanas na época. Mariani, 1998, p. 24) diz:

Por refletir no entremeio das ciências humanas e sociais, a AD provoca uma permanente reterritorialização de conceitos ligados às teorias da linguagem e da ideologia. Entendemos por reterritorializar, aqui, o gesto de Pêcheux (desde seus escritos como Thomas Herbert), no intuito de provocar uma *ruptura* no campo dessas ciências, realiza ao deslocar criticamente as seguintes noções: 1) linguagem vista como instrumento de comunicação de informações; 2) sujeito como indivíduo (do modo como a sociologia e/ou a psicologia descrevem); 3) ideologia como ocultação ou máscara (que seria responsável pela perpetuação da dominação de uma classe sobre a outra, de acordo com uma certa leitura de Althusser); 4) sentido ligado às condições de verdade (conforme a semântica lógica sempre prescreveu) (Grifo nosso).

Desta forma, a AD inicia seu processo de ruptura, fazendo estremecer as bases das teorias com as quais ela entra em confronto. O sujeito - um dos elementos centrais na AD -, por exemplo, era abstraído dos estudos estruturalistas, assim como era a fala, a diacronia, sendo eleita a língua, a sincronia como objetos de estudo, mas fora das realidades sócio-histórica e ideológica onde se inseriam.

O início do trajeto de rupturas de Pêcheux, na verdade, inicia em 1966, não apenas em 1969 com a obra oficial de fundação da AD. Em 1966, Pêcheux, sob o pseudônimo de Thomas Herbet, publica *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales*. Em 1968, sob o mesmo pseudônimo ele publica *Remarques pour une théorie générale des idéologies*.

No intervalo entre estas duas obras, as quais discorrem sobre o materialismo histórico, ele publica dois artigos relativos à análise do discurso, mas como Pêcheux. Em 1969 vem a publicação de sua tese de doutorado *Análise automática do discurso*, doravante AAD69, considerada a obra pertinente à primeira fase e ao marco fundatório da corrente que denominamos Análise do discurso de linha francesa. Tal marco assevera de vez um novo olhar sobre estruturas científicas vigentes. Na AAD69 não há nenhuma referência a uma ‘teoria das ideologias’, nem a uma ‘teoria do inconsciente’. Em uma nota de rodapé apenas, Michel Pêcheux diz que a ‘teoria do discurso’, tal como ele a concebe, não pode ocupar o lugar das teorias da ‘ideologia’ e do ‘inconsciente’, mas apenas intervir em seu campo.

O objetivo epistemológico principal de Pêcheux era abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, especialmente, da psicologia social. Para ele, na AAD69 estava seu objetivo. Ele queria ali se apoiar no que ele já considerava uma reviravolta na problemática das ciências sociais: a releitura que Althusser faz do materialismo histórico em Marx, a psicanálise freudiana revista por Lacan e o grande movimento chamado, não sem ambiguidades, de estruturalismo, lembremos que este estava no seu apogeu no final da década de 1960, e o que interessava a Pêcheux no estruturalismo, segundo Henry (1997, p. 14), eram “aspectos que supunham uma atitude não-reducionista no que se refere à linguagem”.

Na AAD69 Pêcheux intenciona/idealiza fornecer às ciências sociais um instrumento científico, entendemos, no caso o discurso e os procedimentos teóricos e analíticos, como contrapartida de uma abertura teórica em seu campo, mesmo apresentando o discurso como uma máquina ou maquinaria discursiva, ideia que ele vai reformular/repensar na AD2. O que significa que para ele as ciências sociais ainda residiam sob um estado pré-científico e como tal necessitando de um instrumento científico. Este para Pêcheux é o mesmo da história das ciências e das técnicas científicas. Nisto ele segue Bachelard e Canguilhem, acrescentando a estes as postulações marxistas que envolvem o caráter contraditório das forças produtivas, das lutas de classe, das relações sociais de produção entre as classes antagônicas: burguesia e proletariado. Henry (1997) ainda afirma que no início do segundo livro de Herbert, o qual resume o primeiro, há duas proposições fundamentais: 1) toda ciência produz uma mutação conceitual produzida por ruptura(s); 2) é o momento de reproduções produtora e metódica do seu objeto. Podemos corroborar o exposto com Henry (1997, p. 17):

[...] diz Pêcheux, cada vez que um instrumento ou experimento é transferido de um ramo de ciência para outro, ou a *fortiori* de uma ciência para outra, este instrumento ou este experimento é de algum modo reinventado, tornando-se um instrumento ou experimento desta ciência em particular, ou

deste ramo particular de ciência. E Pêcheux conclui sobre este ponto dizendo que as ciências colocam suas questões, através da interpretação de instrumentos, de tal maneira que o ajustamento de um discurso científico a si mesmo consiste, em última instância, na apropriação dos instrumentos pela teoria. É isto que faz da atividade científica uma prática.

Pêcheux acreditava que a AAD69 seria o instrumento que ele estava fornecendo às ciências sociais, consideradas por ele como pré-científicas e que não tinham um instrumento. Pêcheux era filósofo de formação, mas era um apaixonado pelas máquinas, pela técnica, pelos instrumentos. “Pêcheux visava a uma transformação da prática nas ciências sociais, uma transformação que poderia fazer desta prática uma prática verdadeiramente científica” (HENRY, 1997, p. 18). O discurso, segundo Pêcheux (1997 1975]), é um instrumento, por meio do qual, a prática política transforma as relações sociais e reformula as demandas sociais. Desta forma, as ciências sociais são essencialmente técnicas que se ligam a uma prática política e a ideologias desenvolvidas em contato com tal prática, cujo instrumento é o discurso. Ideologia é, então, antes de tudo, uma prática política e discursiva, e o discurso é o instrumento em que se inscrevem a prática política, as ideologias e as demandas sociais.

Nesta questão, é preciso discutir a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, já mencionada neste ensaio. Aqui está, então, um ponto central da ruptura de Pêcheux - ao fundar a AAD69 - com as ciências sociais vigentes, pois ele não acata a ideia de que uma linguagem concebida desta forma, haja vista que seria ver a comunicação humana como uma espécie de extensão da comunicação animal, pois estes não tem uma linguagem nos moldes da humana, mas comunicam-se. Assim, as ciências humanas e sociais não podem ser vistas como um prolongamento das ciências naturais, lembremos da discussão sobre o positivismo em Löwy (1998). A partir, principalmente, da segunda das três fases de sua AD, Pêcheux empreende seu pensamento, entendemos, na direção de conceber a linguagem e as relações sociais por um viés menos positivista, razão do projeto de rompimento com as ciências sociais vigentes, ou seja, positivistas. Daí, ele acredita que entender as relações sociais, suas práticas políticas em contato com uma ideologia é possível por um instrumento ou dispositivo experimental - o discurso, mesmo ainda quando tratado em uma análise automática, mas já se distanciando deste tratamento. A linguagem aqui é concebida como não transparente, com implicações sociais, políticas e ideológicas subjacentes ao discurso.

3 NOVOS SALTOS DA AD E DO SEU PROCESSO DE RUPTURAS

Avançando nos saltos da AD, ela tem mais duas fases que desenvolvem e ampliam o processo de rupturas já bem consolidadas: 1975, com a publicação de *Semântica e discurso* – considerada a obra mais importante de Pêcheux, na qual ele rever, reformula e amplia muitos conceitos e postulados trabalhados na AAD69; a terceira fase é marcada pelo primado do interdiscurso sobre o discurso, e a obra mais representativa deste momento é *Discurso: estrutura ou acontecimento* (1983).

3.1 Maio de 1975 – Semântica e discurso

Livro que marca uma diferença com os textos anteriores, ele toca as obsessões mais fortes de Pêcheux e trabalha na relação: linguística, semântica e filosofia - áreas de cruzamento de todos os caminhos da proposta teórica de Michel Pêcheux sobre o *discurso*, lembremos este como a figura central da obra de 1975, a qual articula a relação de entremeio da linguística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política.

Para Pêcheux (2009), a semântica é o ponto nodal em que a linguística tem a ver com a filosofia e a ciência das formações sociais. A partir dessa concepção, o autor desenvolve uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos científicos e a questão da prática política, também enumera algumas evidências que fundam a semântica: as palavras comunicam um sentido, há pessoas e há coisas, há subjetivo e objetivo, há emocional (retórica) e cognitivo (lógica).

Assim, os postulados da semântica desembocam em duas teses: 1) A semântica é ponto nodal, como dissemos, em que se condensam as contradições que frequentam a linguística (suas tendências, escolas, etc.); 2) A semântica é o ponto em que a linguística tem a ver com a filosofia e a ciência das formações sociais, na maior parte das vezes sem reconhecê-lo.

Em *Semântica e discurso* é perceptível a figura de filósofo e de linguista que identifica Pêcheux, cuja genialidade está na escolha do “ponto lógico-linguístico”, onde o *discurso* é a matéria prima de seu empreendimento teórico. O desvio de Pêcheux pela história da filosofia leva-nos ao cerne dos problemas da semântica e, assim, aos pares filosóficos balizadores desse pensamento: lógico/retórico, objetivo/subjetivo, necessário/contingente, entre outros. É não só algo perceptível, mas sim projeto da obra de 1975 rever ou ampliar conceitos da teoria pecheutiana em voga na época, muitos deles já inscritos em AAD69, como a noção de interdiscurso.

Um breve resumo, a seguir, de conceitos básicos da AD, conforme nos possibilita o espaço deste trabalho que ora nos propusemos delinear: pré-construído, articulação de enunciados, memória, arquivo, discurso transversal, discurso e ideologia, interdiscurso e intradiscurso, formação discursiva, forma-sujeito e posição de sujeito, entre outros. O terreno destes conceitos amplamente discutidos na obra de 1975 é muito fértil e aberto para analisarmos, por meio dele, os sentidos do discurso para muito além da linguagem em si, pois a AD, com tais conceitos, rompe com a imanência do estruturalismo, da linguagem *em e por si mesma*, e salta rumo às relações entre linguagem, história e ideologia, atravessadas pelo inconsciente lacaniano, tendo em vista ser na transversalidade destes elementos que atravessam o discurso que o analisamos e procuramos vê-lo para além da linguagem. A lembrança dos conceitos a serem, resumidamente, desenvolvidos se fundamenta em Pêcheux (2009), como dissemos, mas também em outros teóricos que o discutem, os quais têm contribuído para a exploração, compreensão e aplicabilidade dos referidos conceitos.

3.1.1 Pré-construído e articulação de enunciados

A linguística se constituiu como ciência em um constante debate com a questão do sentido, digo, a questão dos sentidos nas fronteiras. Atualmente, a semântica enfrenta, aos olhos de Pêcheux apud Maldidier (2003, p. 47), um “retorno das origens de uma ciência (do que ela se separou para se tornar o que é) nessa ciência mesma”. A autora também pontua ser “por uma (re)leitura materialista de Frege que Michel Pêcheux empreende (re)trabalhar a questão lógico-linguística das relativas”, o que vai trazer ao foco do estudos do discurso dois fundamentos, os quais funcionam como noções chaves da passagem da preocupação lógico-linguística à da teoria do discurso, a listar: o *pré-construído* e a *articulação de enunciados*. “Eles são o traço de relações de distância entre o discurso atual e o discurso já-lá” (MALDIDIER, 2003, p. 48). Ou seja, eles resultam de efeitos discursivos, os quais empreendem os sentidos, pois o discurso atual é o efeito dos sentidos que se projetam a partir do ou em relação com os sentidos já existentes que serviram de suporte e base para os discursos que se atualizam. Desta forma, podemos dizer, que todo discurso é a atualização de uma memória que advém ao discurso atual por meio dos pré-construídos e da articulação de enunciados que se atualizam no intradiscurso, ou seja, no discurso atual.

Um exemplo bem prático: as siglas são um protótipo de pré-construído: Quando pensamos FHC, esta sigla formada por três letras, imediatamente nossa compreensão/lembrança desliza logo para um governo nacional do PSDB (outra sigla), que

administrou politicamente o Brasil durante o período de 1995 a 2002, com uma ideologia própria do citado partido que sempre se assumiu como um partido da social democracia brasileira e como um grupo unido para enfrentar desafios do tipo: afastar os riscos de inoperância política e crise econômica que rondavam a democracia anterior à criação do citado partido, entre tantas outras coisas que o governo FHC e o PSDB nos faz lembrar, como políticas de privatizações, enfim. Uma sigla é um pré-construído por ser algo que se estabiliza na nossa memória, fica arquivada nesta a informação de quem foi este governo. Sempre que lembramos dele, o que está lá na memória constituindo o interdiscurso vem à tona, emerge, atravessa o nosso discurso e se atualiza na formulação deste. Por isso dizer que o sujeito não é o dono do seu dizer, pois este é resultado do dito agora e do já lá, do já dito, do pré-construído que veio fazer parte da atualização e formulação do discurso.

3.1.2 Discurso e ideologia

Sobre “Discurso e ideologia(s)”, terceira parte do livro *Semântica e discurso*, o ponto de partida são os pressupostos Althusserianos e o que ele defende na obra “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”. Na visão de Malidier (2003), *Semântica e discurso* devia se chamar “O efeito Münchhausen”, pois teria expressado melhor o essencial de seu projeto. Isto porque Pêcheux, sendo apaixonado pela cultura germânica, tinha lido “Histórias e aventuras do barão de Münchhausen”, de onde vem a ideia de fazer do barão a figura de ficção teórica (LÖWY, 1998). Em memória do imortal barão que se levantava no ar puxando-se a si mesmo pelos cabelos, o “efeito Münchhausen” é o nome com que Michel Pêcheux batiza ironicamente o efeito-sujeito, a ilusão subjetiva do sujeito de que ele é a fonte do seu dizer, quando o dizer, o discurso de constrói na relação transversalidade, onde história, ideologia e linguagem, atravessadas pelo inconsciente (laciano) se articulam na produção do discurso e de seus efeitos.

3.1.3 Interdiscurso: lugar da memória, do pré-construído e do discurso transversal

Malidier (2003, p. 36) aponta o interdiscurso como o “conceito chave [...] o mais fundamental de toda a construção teórica de Michel Pêcheux”. Tal afirmação leva-nos a entender que não foi a qualquer custo que na terceira (última) fase da AD Pecheutiana, sobre a qual trataremos mais adiante, se consolidou o primado do interdiscurso sobre o discurso, pois nele está o já lá, o já dito, o pré-construído e o discurso transversal. Ressaltemos o aposto e as

orações explicativas como exemplos de discurso transverso, pois se intercalam e atravessam o dizer, complementam/transversalizam-no. Também está lá na constituição do interdiscurso a memória que irrompe(rá) na atualidade do intradiscurso, ou seja, na formulação do enunciado, do discurso.

Nesta movimentação dos elementos que compõem o interdiscurso, o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, vai dando sentido ao que diz, ao que irrompe nas entranhas de seu dizer. O que é dito é resultado do processo de constituição dos sentidos mediados pela memória que vai dando direção ao sujeito dizente no seu dizer e na relação deste sujeito com a história e a(s) ideologia(s) que ele representa, por isso que sua forma-sujeito, centro da Formação discursiva – FD, vai instaurando no interdiscurso as várias posições de sujeito.

3.1.4 Formação discursiva e posições de sujeito

Logo no início dos anos 1970, Pêcheux e pesquisadores ao seu redor, entendiam a palavra “formação” como pertencente à terminologia marxista. No paradigma formação social, formação ideológica, faltava um elemento: *formação discursiva* (MALDIDIER, 2003).

Assim, as posições de sujeito que integram uma forma-sujeito – centro de uma FD, como dissemos - representam esta FD, ou seja, a tomada de posição de sujeito em um discurso vai representar a FD da qual ele faz parte e que vai definir os sentidos do que está sendo posto em circulação para os leitores, lembrando que a relação entre várias formações discursivas podem se relacionar formando uma rede heterogênea de FDs em aliança, em conflito ou em disputa. É o que acontece com a FD do discurso de diferentes partidos políticos ou de diferentes religiões, por exemplo. Grosso modo, a relação entre partidos políticos de direita e de esquerda é uma relação de disputa, pois cada um se inscreve em FDs diferentes, cada um defende a posição que é própria de sua ideologia política. Da mesma forma são as diferentes religiões e muitas outras formas de organizações sociais, políticas e ideológicas representativas de suas FDs próprias.

Assim, segundo Foucault (1997), também Maldidier (2003), Mariani (1998), o conceito de formação discursiva – inicialmente postulado por Foucault em 1969 e, em seguida, incorporado por Pêcheux, corresponde aquilo que pode ou não ser dito em determinadas conjunturas e em diferentes gêneros discursivos - é um dos conceitos nucleares em AD, pois as posições de sujeito que integram uma forma-sujeito é determinada ou orientada pela FD. Convém lembrar/ressaltar que Pêcheux, segundo Maldidier (2003) prefere

falar de “intrincação” das formações discursivas nas formações ideológicas. Este ponto fará surgir o tema promissor de *heterogeneidade* da FD, a qual é sempre elástica, porosa, dando saber ao sujeito sobre o que ele deve dizer e como dizer.

3.1.5 Memória e arquivo na constituição dos sujeitos e de suas posições

A tomada de posições de sujeito, a qual empreende a constituição dos sentidos dos discursos, reclama por uma reflexão sobre arquivo, memória e relações de poder que constituem as práticas discursivas e os discursos, nos quais consta o imaginário que é construído sobre os sujeitos, fazendo-os acreditar no que são ou na imagem que é construída sobre eles.

Illuminados por Foucault em sua Arqueologia do saber, conforme o cita Coracini (2013, p. 16), arquivo aqui não se refere ao conjunto de documentos históricos que as instituições preservam, mas diz respeito ao “que pode ser dito” ou não dito e aos sentidos que isto evoca. Memória, por sua vez, é concebida como esquecimento e é garantida pelo arquivo. Só podemos lembrar daquilo que esquecemos, assim bem postula a autora. Desta forma, o arquivo é responsável pelas relações de poder que se instauram nas práticas discursivas e nos discursos. O discurso, conceituando-o mais uma vez, é o espaço onde o poder e a resistência ao poder se exercem, ele tanto produz poder, como também o mina, enfraquece-o, barra-o.

A noção de sujeito supraexposta está expressa em Foucault (1997) como o sujeito de função, ou seja, aquele que ocupa um lugar no discurso e fala a partir deste lugar, do qual ele exerce poder. Poder que lhe é dado pela formação discursiva que o ideologiza e o constitui como sujeito em diversas posições (IINDURKY, 2008), uma vez que a FD determina o que ele pode ou não dizer, de que modo dizer no terreno do poder por ele exercido. Assim, um sujeito não mais dono do seu dizer, não mais cartesiano, racional, produto da consciência, mas um sujeito do inconsciente, deslizante, descentrado (HALL, 2014). Por fim, podemos ainda afirmar com Madidier (2003, p. 54) que, para Pêcheux: “a expressão ‘teoria do discurso’ é só o nome ‘global’ das questões que ele trabalha (...). Ela designa de qualquer modo, no *Semântica e discurso*, o grande momento da ordenação dos conceitos”.

3.2 1983 – Discurso: estrutura ou acontecimento

Nesta obra, em linhas gerais, ele analisa o discurso, considerando tanto a sua estrutura quanto o acontecimento que lhe dá origem. O autor também busca traçar as formas de se fazer ciência: aquelas que agem de forma sobredeterminantes e as que atuam sobre a

interpretação. Quanto ao interdiscurso, é entendido como o lugar da memória, do pré-construído e do discurso transversal, que irrompe no intradiscurso, consolidando a concepção de sujeito – outro termo chave em Pêcheux - não só em interação com as relações e as demandas sociais, mas um sujeito visto em suas diferentes posições e, conseqüentemente, formações discursivas de que faz parte. Celebra-se, então, o vigor da ideia de um sujeito pós-moderno, descentrado, atravessado pelo inconsciente lacaniano (INDURSKY, 2008). Assim, a concepção de sujeito individual e racional, pertinente ao paradigma da racionalidade em ciência que perdurou da Renascença ao século XIX, nos dizeres de Sousa Santos (1995), não se sustenta mais, fortalecendo, portanto, a ruptura epistemológica empreendida pela AD.

CONCLUSÃO

O percurso feito neste trabalho sobre o que motivou o terreno empreendido pela AD foi significativo para conhecermos como se dá uma ruptura epistemológica e como emerge o legado da teoria emergente. Uma ruptura com os postulados vigentes e a chegada da nova teoria não se dão no vácuo, mas sim porque a teoria vigente não mais está dando respostas a contento para a comunidade acadêmica e a sociedade, dadas as lacunas que tem, abrindo fissuras para posteriores questionamentos e novas abordagens teóricas. Foi isso que ocorreu com a passagem do estruturalismo e com outras ciências (como a psicologia social, por exemplo) para as teorias do discurso no final da década de 1960, mais precisamente a Análise de discurso em Pêcheux, objeto de estudo deste trabalho. Abstrair o sujeito, a língua em interação social, a história e a ideologia – elementos que se transversam na constituição dos discursos - não foi um bom feito dos estudos da linguagem anteriores à década de 1960, ao mesmo tempo em que não podemos esquecer que, ao seu modo, estes estudos deram suas contribuições, porém, como toda teoria, vai chegar o tempo de sofrer abalos, foi o que ocorreu com a chegada da AD e de outras teorias voltadas para a fala, para o discurso e para interação social.

Por fim, entendemos que a linha de Pêcheux é fundamental para a nossa inserção nos estudos do discurso, para compreendermos um processo de ruptura e a chegada de uma nova aventura teórica, tendo em vista que o legado de Pêcheux e seus conceitos são basilares para compreendermos as práticas discursivas, que são práticas sociais, políticas, históricas e ideológicas, atravessadas pelo inconsciente (lacaniano).

Sem refletir sobre as rupturas provocadas pela fundação e desenvolvimento da AD, acabamos por não ter acesso ou não observarmos os discutidos atravessamentos por que

passam a constituição dos discursos, nos quais estão embutidas a nossa ideologia, as formações sociais de que fazemos parte, as entranhas do nosso ser, as profundezas do nosso inconsciente que emergem na constituição de tais discursos e nas suas relações interdiscursivas.

Além disso, muitos discípulos e também dissidentes de Pêcheux se embasam(ram) nele ou para tomar sua teoria como suporte ou para refutá-la, o certo é que ele empreendeu e alavancou um novo olhar sobre a linguagem, o discurso, os sentidos e o sujeito.

Quando alguém discursa, portanto, muitas são as conjecturas possíveis, pois o sujeito não é dono do seu dizer, tendo em vista, como já afirmamos, que os sentidos são construídos em relação com a história, a ideologia, a linguagem e o inconsciente que os atravessam e os constituem. E os conceitos de Pêcheux possibilitam-nos as interpretações para muito além da linguagem em si.

REFERÊNCIAS

- CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução.** 2. ed. Campinas: mercado de Letras, 2013.
- BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística.* São Paulo: Parábola, 2004. Capítulo 2.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** 5. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. Tomaz T. da Silva & Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 13-38.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Orgs.) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua.* Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9 - 33.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas.* Ed.12. São Paulo: Perspectivas, 2013.
- LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento.* 6. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

PÊCHEUX, M. *A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas*. Editora da Unicamp, 1997 [1975]. P. 163 a 179.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

SOUSA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. Porto: Afrontamento, 1995.